

Palocci chama ex-assessor de FHC

MARIANA MAZZA

DA EQUIPE DO CORREIO

Marcello Casal Jr/ABr



PORTUGAL (E) RESPONDE AOS JORNALISTAS DURANTE ANÚNCIO DAS MUDANÇAS, OBSERVADO POR AFONSO BEVILAQUA, DO BANCO CENTRAL, E PALOCCI

ser informado pelo Correio que Portugal seria o novo secretário-executivo da Fazenda. "P.Q.P.", disse o político, já prevendo a reação que a nomeação deve gerar no partido. "Vai ter gente que não vai agüentar", disse.

Na coletiva para anunciar as mudanças, Palocci evitou falar em motivos concretos para o troca-troca. Appy foi único que comentou efetivamente sua mudança de cargo enquanto Lisboa, Loyo e Portugal concentraram-se em fazer elogios aos colegas e ao momento econômico pelo qual passa o país.

O novo secretário de Política Econômica disse que, desde o período de transição entre os governos FHC e Lula, invejava Marcos Lisboa por ter ganho a pasta de formulação das políticas econômicas. "Eu tenho mais perfil de formulador do que de executivo. Mas eu sou soldado, e soldado faz o que mandam fazer", resmungou Appy. Palocci confirmou o desejo do auxiliar de mudar de posto.

Mesmo com tanto interesse pela vaga do colega, Appy jura que só pediu para mudar de cargo quando Lisboa confirmou sua saída. Marcos Lisboa decidiu deixar o governo para passar mais tempo com a família. Ele é recém-casado e vai ser pai. Sua mulher, que mora no Rio de Janeiro, vinha reclamando da ausência do marido. Lisboa, considerado até agora um "menino prodígio" do governo e homem de total confiança de Palocci, vai cumprir quatro meses de quarentena e, depois, volta a dar aulas na Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O ministro da Fazenda, Antonio Palocci, aproveitou o pedido de demissão do secretário de Política Econômica, Marcos Lisboa, para fazer a primeira mudança de maior abrangência na equipe que comanda a economia. Ao mesmo tempo, deu um claro sinal de que a política econômica conservadora vai ser mantida. Para preencher a vaga deixada por Lisboa, que saiu alegando motivos pessoais, Palocci fez um rearranjo nos auxiliares à sua disposição e surpreendeu ao chamar para o cargo de secretário-executivo do ministério um nome ligado à mais pura ortodoxia econômica, o do representante do Brasil no Fundo Monetário Internacional (FMI), Murilo Portugal.

Portugal foi um dos mais importantes membros da equipe econômica dos governos Itamar Franco e Fernando Henrique, tendo sido secretário do Tesouro Nacional de 1992 e 1996. Ao todo, as mudanças atingiram quatro postos no Ministério da Fazenda, Banco Central (BC) e na representação no FMI. O atual secretário-executivo da Fazenda, Bernard Appy, ocupará o lugar de Lisboa. Na prática, Appy caiu na hierarquia do ministério. A representação do país no FMI ficará a cargo de Eduardo Loyo, que deixa a Diretoria de Estudos Especiais do BC. Para seu lugar, virá Alexandre Tombini, que também estava no FMI como assessor sênior. "A equipe talvez

perca um pouco de brilhantismo, mas vai ganhar em gestão", resumiu um assessor.

Tombini foi funcionário do BC por quase dez anos em posição importante, também durante o governo FHC. No ban-

co, exerceu a função de chefe do Departamento de Estudos e Pesquisas (DEPEP), um dos integrantes das reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom), órgão que decide as taxas de juros.

As mudanças anunciadas na noite de ontem deixam clara a intenção do governo de continuar na linha conservadora de condução da macroeconomia. A integração de dois técnicos importantes do governo FHC na li-

nha de frente do BC e do Ministério da Fazenda deve provocar polêmica em alguns setores do PT que resistem à condução da política econômica. Um dos mais expressivos políticos do PT nacional reagiu com um palavrão ao